

Cátedra Olavo Setubal
de Arte, Cultura e Ciência

**O ALTO CUSTO DE PROMOVER
ARTE MILITANTE**

PRISCILA MACHADO NUNES

O ALTO CUSTO DE PROMOVER ARTE MILITANTE

HÁ 25 ANOS, ANDRÉ FISCHER, CRIADOR DO FESTIVAL MIX BRASIL DE CULTURA DA DIVERSIDADE, É DESAFIADO A TORNAR SUA GESTÃO MAIS INCLUSIVA E A RESISTIR ÀS DIFICULDADES DE TRATAR DE UMA TEMÁTICA AINDA CONSIDERADA CONTROVERSA

PRISCILA MACHADO NUNES¹

¹ Jornalista graduada pela Faculdade Cásper Líbero e mestra em estudos internacionais pela Universidade de Barcelona. Pesquisa literatura e música no contexto das diversidades, é animadora cultural no Sesc/SP e é repórter há mais de dez anos.

² Cineasta e roteirista cearense, nascido em 1966. Seu longa-metragem de estreia, *Madame Satã* (2002), foi selecionado para a mostra *Um Certo Olhar*, do Festival de Cannes, e, em seguida, premiado nos festivais internacionais de Chicago (Estados Unidos) e Huelva (Espanha). Realizou vídeos e curtas-metragens. Mestre em teoria e história do cinema pela New York University (1991), trabalhou como curador, assistente de direção e assistente de montagem em vários projetos. Em 2005, colaborou nos roteiros de *Cidade Baixa e Cinema*, *Aspirinas* e *Urubus*.

Em 1994, o ex-estudante de economia André Fischer entrou na sala de Leon Cakoff, criador da *Mostra Internacional de Cinema de São Paulo*, e pediu ao icônico jornalista e animador cultural que o Festival Mix Brasil – criado por Fischer um ano antes – pudesse fazer parte da mostra. Saiu de lá apenas com uma camiseta de brinde, mas, após mais de duas décadas, tornou-se o homem à frente do maior evento cultural dirigido ao público de lésbicas, gays, bi, trans, queer/questionando, intersexo, assexuais/arromântiques/agênero, pan/poli e mais (LGBTQIAP+) da América Latina.

Apesar da referência à mostra paulistana, a inspiração para o Festival Mix Brasil veio de fora, mais precisamente do New York Lesbian and Gay Experimental Film Festival, que, em 1993, se converteu em Mix New York, expandiu seu conceito de diversidade e passou a convidar curadores estrangeiros para apresentar as diferentes formas de expressão da sexualidade em outros países.

Fischer foi convidado por seu amigo, na época diretor do New York Lesbian and Gay Experimental Film Festival, Karim Ainouz² para ser o responsável pela seleção da programação brasileira no evento, a qual chamou de Brazilian Sexualities e o levou a uma pesquisa curatorial e à conclusão de que não havia uma cinematografia LGBTQIAP+ no Brasil. A solução encontrada foi fazer uma convocação aos amigos para produzirem filmes que seriam apresentados no evento norte-americano, demanda que gerou uma movimentação nesse segmento no Brasil e um convite para trazer o modelo do Mix New York ao país.

Simultaneamente às suas primeiras experiências com curadoria, Fischer se assumiu gay publicamente e não negou a motivação pessoal para trabalhar com essa temática, buscando novas perspectivas na compreensão da comunidade LGBTQIAP+ e da importância da sua representatividade. O início dos anos 1990 também foi um período no qual o próprio país estava começando a se abrir para essa discussão e a enxergar os não heterossexuais em sua complexidade e com menos estereótipos. Analisa Fischer:

O Festival Mix Brasil aconteceu em um momento em que eu estava me assumindo, então é muito ligado a uma questão pessoal e à vontade de querer compartilhar um processo que para mim foi muito natural, em razão do meio familiar, econômico e social no qual eu estava inserido, e que me permitiu até fazer uma transição profissional. O país também estava assumindo a existência da comunidade LGBT e o festival começa em um momento em que o movimento gay havia tido um *gap*. O movimento no Brasil vai até os anos 1980 e depois reascende no início dos anos 2000. Nesse período havia uma necessidade de falar sobre o assunto, de trabalhar com o tema, que estava latente. Era uma oportunidade de fazer algo que ninguém estava fazendo ali naquele momento. Eu tive o sentimento de que poderia transformar isso em uma opção profissional. Fui muito criticado, acusado de estar comercializando uma causa, mas eu sempre entendi que a minha contribuição ao movimento era aquela.

Desde a sua primeira edição, o Festival Mix Brasil ocorreu em várias capitais brasileiras em espaços institucionais, como o Teatro Nacional de Brasília e o Palácio da Abolição, em Fortaleza. Em São Paulo, o departamento de cinema do Museu da Imagem e do Som (MIS) abriu espaço para a exibição de cerca de 50 títulos, sendo apenas nove produções nacionais, todas curtas. Estava emergindo no país um novo conceito de modernidade, após o período de sua redemocratização, que era mais inclusivo em relação a temas da diversidade sexual; no entanto, a exibição do primeiro Mix Brasil no Rio Janeiro foi cancelada a quatro dias da estreia porque a então diretora da Casa de Cultura Laura Alvim, Beatriz Nogueira, avaliou que o Rio não estava preparado para o evento e bloqueou o espaço que sediaria o festival na cidade.

Além da identificação com o tema, Fischer queria expressar seu amor pela linguagem cinematográfica, e, nesse contexto, o Mix New York foi a primeira fonte de inspiração, pautada em um projeto experimental, sem espaço para trabalhos comerciais. No Brasil, a lógica se repetiu nos primeiros anos, o Mix Brasil se fortaleceu e criou sua identidade no circuito alternativo. O diálogo com as grandes distribuidoras só teve início na sexta edição do evento, porém, hoje mais da metade dos lançamentos vem dessas empresas com maior solidez no mercado. Diz Fischer:

O Mix New York, para mim, foi a abertura de um mundo. O festival estava acontecendo no The Kitchen, que era um centro cultural *underground* muito efervescente. Para mim, foi a possibilidade de ver como funcionava uma instituição dessas, como as pessoas operavam, e tentar, de certa maneira, reproduzir essa experiência no Brasil. Muito rapidamente, o Mix daqui ficou muito maior que o de lá.

- 3 Foi fundadora e diretora do Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo e curadora de cinema do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS, 1988-1995), onde desenvolveu um programa de divulgação de curta-metragem. Preside a Associação Cultural Kinoforum, que organiza o Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo.
- 4 Atual presidente do Japan House, foi presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) (2016-2018), secretário estadual da Cultura de São Paulo (2012-2016) e diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo (2002-2012).
- 5 Diretor artístico da Pinacoteca do Estado de São Paulo (2012-2015) e curador-chefe do mesmo museu de 2002 a 2012; curador-chefe da 28ª Bienal de São Paulo (2008); e diretor artístico do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM, 2001-2002) e da Fundação Bienal de São Paulo (1999 a 2000).
- 6 Jornalista e produtor cultural, foi diretor do Centro Cultural São Paulo (CCSP); integrou o júri do Prêmio Shell de 1989 a 2002 e dirigiu a Divisão de Difusão Cultural do CCSP de 2001 a 2002. Além disso, teve ampla atuação na Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

Se no primeiro ano o diretor do Mix Brasil precisou da ajuda dos amigos para reunir filmes para o festival, no segundo, ele recebeu espontaneamente 25 títulos nacionais e passou a contar com o apoio e o interesse de outros dirigentes culturais, como Zita Carvalhosa³, à época curadora do MIS, Marcelo Araújo⁴, Ivo Mesquita⁵ e Celso Curi⁶, que o incentivaram a expandir o festival para além da linguagem do cinema. Segundo Fischer, essa escolha curatorial de agregar outras manifestações artísticas deve-se também ao fato de que ele sempre entendeu que a principal função do evento era levar informação e estimular a produção local, gerando um mercado para segmentos LGBTQIAP+, além de ser um espaço para fomentar a reflexão e as discussões referentes à comunidade. A opção se reverteu em instinto de sobrevivência, já que nos últimos anos o cinema passou a sofrer com a dura concorrência de filmes e séries on-line, e para angariar público foi necessário ampliar a experiência oferecida nesses eventos.

A iniciativa de ampliar a área de atuação do festival ganhou nova força em 2015, quando Fischer decidiu realizar a 1ª Conferência Internacional [SSEX BBOX] & Mix Brasil dentro da programação do 23º Festival Mix Brasil. O [SSEX BBOX] – Sexualidade Fora da Caixa é um projeto que teve início em 2011 e procura dar visibilidade ao debate em relação às questões de gênero e sexualidade em várias partes do mundo. Fischer avalia que, ainda que a experiência com a curadoria e a formação de uma sólida rede de contatos reflita em uma programação de cinema mais madura, assim como a de outras linguagens, atualmente é na conferência que está a potência do festival.

No âmbito das discussões propostas pelo Mix Brasil, Fischer também destaca o quanto foi necessário se sensibilizar para os temas que foram surgindo ao longo do tempo. Ele reconhece que o modelo de inclusão relacionada à diversidade sexual proposto por ele inicialmente era limitado e dirigido a uma classe média gay e lésbica que já estava pré-incluída em todos os segmentos da sociedade. Hoje, além de estar atento para contemplar toda a diversidade inserida na sigla LGBTQIAP+, o festival busca dar voz a grupos ainda mais marginalizados, como a população transexual negra da periferia das cidades brasileiras. “As discussões vão ampliando a nossa visão, a nossa compreensão das necessidades, e o trabalho como dirigente cultural que atua dentro dessa temática volta a fazer sentido”, diz.

O curador mantém o festival em constante revisão, o que também se reflete em estratégias de mídia e formas de atrair o público. Fischer observou que, na edição de 2017, houve um crescimento da presença do público jovem quando passou a transferir a divulgação dos veículos da mídia tradicional para as redes sociais.

A atenção às mídias mais tecnológicas é uma lição que Fischer teve de aprender com os erros. Logo no início do seu trabalho à frente do Festival Mix Brasil, o dirigente entendeu que, em razão da temática com a qual estava trabalhando, teria dificuldade em conseguir patrocínio, e começou a pensar em maneiras de subvencionar o evento, passando a gerir novos negócios na mídia tradicional que nasceram a partir do festival. Fischer chegou a ter cinco sites, duas revistas, dois programas de rádio e um de televisão. Os subprodutos do Mix Brasil passaram a tomar mais tempo de gestão que o próprio festival e contribuíram para a estruturação do mercado LGBTQIAP+ no país no fim dos anos 1990 e início dos 2000; no entanto, o revés que o mercado editorial experimentou nos últimos anos fez Fischer optar, em 2015, por encerrar todas essas atividades.

Quando estava à frente dos projetos na área editorial, Fischer já havia sido apresentado às mídias sociais que estavam despontando, mas preferiu seguir apostando nas mídias tradicionais. Após perder parte do seu patrimônio para manter revistas impressas e programas de rádio, decidiu aceitar o convite feito por uma startup americana para lançar, no Brasil, a Hornet, uma rede social destinada ao público gay. Como gerente-geral do aplicativo no Brasil, ele recebe uma verba de marketing que pode destinar a ações que julgar importantes, ou seja, após mais de duas décadas apresentando projetos em busca de patrocínio, Fischer experimenta agora estar na outra ponta, avaliando projetos culturais que possam fortalecer o mercado LGBTQIAP+ brasileiro.

Os aspectos financeiros da gestão cultural de um tema ainda hoje considerado controverso por parte da sociedade sempre foram motivo de preocupação para Fischer. Ele destaca o fato de que seus pares em outras instituições, especialmente internacionais, muitas vezes sabem com anos de antecedência o orçamento que terão disponível e compara essa realidade à sua própria situação – há uma semana do início do Festival Mix Brasil 2017, ainda desconhecia o valor total disponível para a edição:

Acabou o festival deste ano e a equipe não tem ideia de como vai ser o próximo. Nós saímos do zero absoluto. Isso faz parte do cenário cultural brasileiro. Por outro lado, a certeza de que não temos um centavo é a mesma de que iremos realizar o festival do próximo ano. Pode ser que seja só um final de semana, com a produção que os amigos vão mandar de fora, isso é um risco constante, mas irá acontecer e a cada ano é um desafio novo.

Fischer avalia que, pelo tempo e trajetória do festival, era para ele ser mais ouvido e respeitado por quem patrocina hoje a cultura no país.

A arte que, se dispõe a discutir diversidade de gêneros e de sexualidade não raro mexe com a sensibilidade das pessoas, divide opiniões e assusta possíveis financiadores. O tema permeou grandes discussões em 2017, mas na organização do Festival Mix Brasil é uma constante há mais de duas décadas. O momento mais delicado ocorreu quando a jornalista e produtora cultural Suzy Capó (1963-2015), que participou da organização do Mix Brasil desde a sua criação, propôs a ampliação da programação voltada para o cinema pornográfico. Em anos anteriores, o evento já havia colocado um bloco pornô, chamado Proibido para Menores ou XXX, no entanto, desta vez uma única sessão pornô foi suficiente para que alguns parceiros pedissem a retirada desse segmento. Embora ele acredite na pornografia como expressão artística, optou por não abrir espaço para esse nicho. Segundo ele, a decisão foi pautada na visão de que é necessário equilibrar o compromisso com o que acredita ser relevante entre o que é possível de ser feito no mercado. Suzy deixou o Mix Brasil em 2009 e criou a Festival Filmes, primeira distribuidora de cinema LGBT do Brasil, e ainda organizou seu próprio festival, o PopPorn.

Fischer conhece há muito tempo o preço de promover uma arte militante e não se arrepende dessa decisão curatorial. Os ataques mais recentes a museus e exposições articulados por uma parcela mais conservadora da sociedade não o surpreenderam. Para ele seria uma resposta já esperada à visibilidade conquistada pelo movimento LGBTQIAP+ nos últimos anos, bem como aos direitos conquistados pela comunidade. O que Fischer considera inadmissível é que algumas instituições acabem cedendo à pressão e à falta de uma resistência organizada pelo meio cultural aos ataques.

Referências Bibliográficas

<http://www.filmeb.com.br/quem-e-quem/diretor-roterista/karim-ainouz>.

<http://www.filmeb.com.br/quem-e-quem/diretor-de-festivais-produtor/zita-carvalhosa>.

<http://www.forumpermanente.org/convidados/ivo-mesquita>.

https://thump.vice.com/pt_br/article/xy9gd7/cena-clubber-sao-paulo-diversidade.

<http://igay.ig.com.br/colunas/vicente-negrao/2017-08-03/cinema-festival-mix-brasil.html>.

Cátedra Olavo Setubal **de Arte, Cultura e Ciência**

Parceira



Realização

